



Metáforas conceituais no Grande Sertão: Veredas

Diogo Gurgelⁱ (UFF)

Resumo: No presente trabalho, examino um certo grupo de metáforas de invenção que encontramos em o *Grande Sertão: Veredas*, obra máxima de Guimarães Rosa. Meu objetivo é evidenciar um padrão metafórico seguido pelo autor no seu esforço de composição do Riobaldo líder, o Urutú-Branco. Valho-me, para tanto, de uma ferramenta de análise forjada por Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By*, a saber, a apresentação linguística de metáforas conceituais e de seu papel central no asseguramento da coerência de toda uma rede metafórica. Mostro também como trabalhos recentes em neurolinguística capitaneados pelo grupo da NTL (*Neural Theory of Language group*), os quais têm procurado corroborar e aperfeiçoar as principais teses da obra seminal de Lakoff e Johnson, vêm sendo aplicados aos fins da estilística e da teoria literária e os limites em que esbarram.

Palavras-chave: metáfora conceitual; liderança; Sertão

Abstract: In this paper, I examine a certain group of metaphors of invention that we find in the *Grande Sertão: Veredas*, magnum opus of Guimarães Rosa. My aim is to shed light on a metaphorical pattern followed by the author in his composition of Riobaldo as a leader, Urutú-Branco. I make use, therefore, of an analytical tool forged by Lakoff and Johnson in *Metaphors We Live By*, namely the linguistic presentation of conceptual metaphors and its central role in giving coherence to a whole metaphorical network. I also show how recent work in neurolinguistics captained by the NTL group (*Neural Theory of Language group*), which has sought to corroborate and to refine the main theses of the seminal work of Lakoff and Johnson, has been applied to the purposes of stylistic and literary theory, as well as the limits of these applications.

Keywords: conceptual metaphor; leadership; Sertão

Introdução

Desde meados do século XX, filósofos, críticos literários e linguistas têm cooperado no combate a uma concepção tão tradicional quanto equivocada acerca da natureza das metáforas. Essa tradição finca suas raízes sólidas e profundas no mundo antigo, remontando aos estudos latinos de retórica e oratória desenvolvidos sobretudo por Cícero e Quintiliano, a partir de abordagens assaz infiéis da teoria da metáfora presente na *Poética* e na *Retórica* de Aristóteles. Esses retores latinos selaram a sorte das metáforas, alocando-as no seio de uma retórica para sempre apartada da lógica e dos estudos sobre a natureza do conhecimento. Já entre eles, as metáforas são tomadas como ocorrências linguísticas parafraseáveis por meio de símiles literais – concepção que as reduz impiedosamente à condição de ornamentos e mera questão de zelo com a eloquência. Autores contemporâneos como I.A. Richards e Max Black foram precursores de um processo de renovação da teoria da metáfora, divulgando o caráter cognitivo peculiar desse recurso tão injustamente reduzido a mero tropo estilístico e condenado, no seio da retórica, à periferia dos interesses dos semanticistas.¹

Contudo, é imprescindível contar a história da metáfora também por um outro viés, o do seu emprego em textos literários. Enquanto o emprego das metáforas era, em geral, execrado entre os teóricos modernos² – ainda que, com isso, incorressem invariavelmente em contradição performativa, lançando mão largamente do recurso que execravam – os literatos de todos os tempos sempre deram mostras, em suas obras, de que tais recursos não apenas não se deixam reduzir a meros ornamentos como se impõem como ferramentas privilegiadas e mesmo *sine qua non* para a descrição de objetos fugidios e para a definição de termos gerais.

Assim, pode-se dizer que o que os teóricos e acadêmicos em geral começaram a alardear com muito alvoroço na *metaphormania* que se instaurou nas décadas de 1970, e 1980 e perdura até hoje, não causou espécie entre os literatos. É certo, contudo, que uma

¹ Há exceções consideráveis, é claro, ainda que marginais. É preciso mencionar, por exemplo, o tratamento *avant-garde* conferido por Vico à metáfora já no século XVIII. O pensador italiano confere a ela funções cognitivas, tomando-a como elemento fundamental de uma sabedoria poética cujo estudo ele procura empreender, inaugurando um campo de investigações onde pesquisadores como Solange Vereza enxergam os primórdios da sociolinguística.

² Locke, por exemplo, em seu *Essay Concerning Human Understanding*, adverte-nos quanto ao fato de que “all the artificial and figurative application of words eloquence hath invented, are for nothing else but to insinuate wrong ideas, move the passions, and thereby mislead the judgement” (LOCKE, 1952, III, 10, p.34).

coisa é acalantar a convicção de que as metáforas são recursos cognitivos poderosos e, nessas bases, lograr o sucesso em seu emprego, e outra coisa é tecer explicações sobre como opera esse modo peculiar de cognição e sobre como uma inovação semântica via metáfora pode ser compreendida por um receptor/leitor para quem a categorização proposta não é habitual. E foi no calor das décadas a que fiz referência que George Lakoff e Mark Johnson, numa cooperação entre linguística cognitiva e filosofia, fizeram uma valiosa contribuição para a teoria da metáfora com a publicação da obra *Metaphors We Live By*. Ali, vemos desenvolver-se uma concepção autodenominada Experiencialista, que não somente assume, como já haviam feito Richards, Black e outros, que as metáforas apresentam um modo próprio e não redutível de predicação e que é legítimo falar de algo como um significado metafórico, mas que assume também que “metáforas são recorrentes na vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.3). Ou seja, que metáforas são construções de ordem mental e que sua participação no que eles chamam de nosso “sistema conceitual” é tão fulcral que exerce influência direta sobre o modo como compreendemos nossas experiências e orientamos nossas ações. Esse trabalho se mostrou seminal no que diz respeito aos rumos da pesquisa sobre a natureza cognitiva da metáfora. Colaboradores de diversas áreas apresentaram contribuições nas últimas décadas e, em particular, a cooperação entre Lakoff e Longman na Universidade da Califórnia rendeu uma nova guinada nas pesquisas, dando origem ao que se vem chamando de Teoria Neural da Metáfora.

No presente trabalho, procurarei apresentar em quê as ideias de Lakoff e Johnson nos permitem lançar luz sobre algumas das metáforas de invenção que povoam o que considero uma das grandes obras literárias do século XX, o *Grande Sertão: Veredas*. Meu objetivo primeiro é evidenciar um certo padrão metafórico seguido por Guimarães Rosa no seu esforço de composição do Riobaldo líder, o Urutú-Branco. Valho-me, para tanto, de uma ferramenta de análise forjada por Lakoff e Johnson, a saber, a apresentação linguística das metáforas conceituais e de seu papel central no asseguramento da coerência de toda uma rede metafórica. O critério de seleção adotado, assim espero, permitir-nos-á extrair o que a teoria de Lakoff e Johnson tem de melhor e também denunciar o comprometimento da mesma com certos pressupostos não declarados e precocemente tomados como evidentes.

Um dos grandes *insights* apresentados e desenvolvidos por esses autores, em *Metaphors We Live By*, se expressa na afirmação de que metáforas, por assim dizer, não costumam andar sozinhas – que elas formam redes coerentes, tendo como elos fundamentais um certo tipo de metáfora que funciona como matriz ou nascedouro das demais: as metáforas conceituais, e que essas redes, formadas por metáforas conceituais, ramificações e seus desdobramentos inferenciais (*entailments*), são capazes de tornar coerentes nossas experiências. Procurarei aplicar essa ideia à leitura de passagens do *Grande Sertão*, evidenciando a força persuasiva da rede de metáforas e sua contribuição para a composição do enredo. Mostrarei também como trabalhos recentes em neurolinguística capitaneados pelo grupo da NTL (*Neural Theory of Language group*), os quais têm procurado corroborar e aperfeiçoar as principais teses da obra seminal de Lakoff e Johnson, vêm sendo aplicados aos fins da estilística e da crítica literária e os limites em que esbarram.

I.

Começemos com algumas explanações sobre o fio condutor de *Metaphors We Live By*. A reivindicação central de Lakoff e Johnson é de que nosso pensamento é estruturado por um sistema conceitual que funda ou serve de base para nossos juízos, decisões e ações e que esse sistema conceitual é parcialmente composto por metáforas. Deste modo, não se está falando de meras metáforas, de meros recursos ornamentais da família dos tropos, e sim de metáforas através das quais nós vivemos.

A ideia de um sistema conceitual basilar não nos deve ser inteiramente estranha. Autores como Wittgenstein e Quine trabalham com as ideias de uma imagem de mundo (*Weltbild*) e de teoria de mundo, as quais – cada uma a seu modo – operariam como lastro de emissões de todo o tipo, incluindo-se emissões com valor de verdade. Há mesmo quem veja no tratado de Aristóteles sobre as *Categorias* um protótipo de sistema conceitual. Mas procuremos entender melhor a posição assumida por Lakoff e Johnson no que diz respeito a como a integração da metáfora a um sistema conceitual pode explicar seu caráter cognitivo. Visando demonstrar o equívoco que cometemos em Filosofia ao tomarmos como certo que

as metáforas são apenas ocorrências da ordem da linguagem³, e das escolhas ornamentais, e que seu estudo em nada contribuiria para a elucidação de questões acerca do conhecimento e da ação, Lakoff e Johnson iniciam o livro com a análise de um conceito muito íntimo aos filósofos acadêmicos, o conceito de discussão (*argument*) ou, mais propriamente, com a análise de como esse conceito é parcialmente estruturado a partir de um conceito metafórico que podemos acessar a partir da reunião de expressões metafóricas frequentemente emitidas em contextos em que debates ocorrem. O conceito metafórico é DISCUSSÃO É GUERRA e algumas das expressões de que eles tomaram nota foram: “suas postulações são indefensáveis”, “Suas críticas foram diretamente no alvo”, “Eu demoli seus argumentos”, “Ele abateu todos os meus argumentos”, dentre outras que soam melhor em inglês do que em português. A primeira constatação que os autores extraem desses exemplos é de que nós não simplesmente falamos de debates em termos de guerra, nós moldamos nossas ações a partir da experiência de estarmos participando de uma forma de guerra, ou talvez fosse melhor dizer, de uma forma de batalha⁴.

De acordo com Lakoff e Johnson, nosso conceito de discussão depende semântica e cognitivamente dessa comparação implícita com a batalha. A metáfora é, por assim dizer, responsável por parte da estruturação do conceito, por parte da sistematicidade que ele apresenta. Isso valeria também para o próprio ato de discutir. E isso se impõe sobre nós sem que nunca tenhamos que lidar verbalmente com a metáfora conceitual: “Nossos modos convencionais de falar sobre argumentos pressupõem uma metáfora da qual quase nunca temos consciência” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.5). Para fortalecer este argumento, os autores afirmam que, se nos deparássemos com uma cultura em que uma discussão fosse travada não em termos de ganhar e perder, de atacar e defender, mas a partir de movimentos de dança, nós simplesmente não poderíamos compreender essa atividade como uma discussão (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.5).

Lakoff e Johnson defendem que conceitos como, por exemplo, “amor”, “discussão” e “criação” são em grande parte estruturados metaforicamente e que outros tantos como

³ E aqui, tendo em vista a proposta do trabalho, não entrarei na discussão muitíssimo relevante sobre a ausência de um desenvolvimento suficiente acerca da relação entre conceito, como elemento de ordem mental, e signo em *Metaphors We Live By*. É material para um outro artigo o confronto das assunções de uma semântica mentalista por parte dos autores dessa obra e os contundentes golpes (!!) desferidos por Wittgenstein em toda filosofia que tome o significado como processo mental.

⁴ A tese é mesmo radical: há metáforas baseadas em conceitos simples “sem as quais nós não podemos funcionar no mundo” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.61).

"causalidade" fundam-se parcialmente em metáforas. Sua teoria é de que o ponto de partida de formação de um conceito simples é sua emergência direta da experiência na forma de um protótipo⁵. Assim, o nosso conceito de conversa, por exemplo, teria um protótipo (ou *Gestalt*) central, com algumas propriedades (dimensões) como participantes, partes, estágios, propósito... talvez se possa dizer que, nesse caso, a *Gestalt* seria a dos participantes em círculo, com cada um tomando a palavra por vez e de uma prática regida por um espírito de cooperação. Segundo os autores, essa *Gestalt* diretamente emergente da experiência poderia servir de base para a estruturação da metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA, na qual o conceito inicial de conversa dá lugar ao conceito de discussão, que compartilha com o primeiro muitas dimensões semelhantes, mas que só podem ser compreendidas mediante a um recurso ao protótipo (ou *Gestalt*) da guerra. Isso significa, em termos linguísticos, usar o vocabulário relacionado à guerra ("inimigo", "vitória", "retaliação") para compreender a experiência de disputa verbal que denominamos "discussão".

Numa estruturação metafórica, duas *Gestalten* seriam justapostas, de modo que, ao menos, algumas das dimensões da *Gestalt* (ou domínio) menos conhecida possam ser compreendidas a partir de seus correlatos na *Gestalt* (ou domínio) mais bem conhecida (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.61). É preciso acrescentar, entretanto, que essa justaposição de domínios não pode ser completa, do contrário, teríamos uma asserção literal e não uma metáfora. E essa distinção é feita pelos autores a partir de um meritório estudo dos dispositivos de seleção de aspectos que operam nas metáforas. De acordo com Lakoff e Johnson, a sistematicidade peculiar das metáforas se funda no modo como elas nos levam a destacar (*highlighting*) certos aspectos dos conceitos e a ocultar (*hiding*) outros aspectos, os quais são inconsistentes com a organização metafórica de uma determinada experiência. (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.10)

⁵ "Protótipo" é uma expressão extraída da obra da antropóloga e psicóloga cognitiva Eleanor Rosch, que em experiências de campo (como aquela feita sobre categorias de cor, feita com o povo Ndani) teria demonstrado que a mente humana forma conceitos muito mais a partir de associações por semelhanças de família, num modelo wittgensteiniano, do que por ordenação de traços distintivos de gêneros e espécies, num modelo kantiano-aristotélico. Alguns importantes resultados dessa pesquisa foram publicados no artigo "Natural Categories". Neste artigo e em alguns outros publicados à mesma época, Rosch desenvolve uma teoria dos conceitos fundada na ideia de que alguns membros de uma categoria são melhores exemplos dessa categoria do que outros. Daí advém a noção de protótipo. Um protótipo seria a função de modelo que tendemos a conferir a um indivíduo-padrão ou evento-padrão com relação a outros indivíduos, ações ou eventos.

Segundo Lakoff e Johnson, quando nos expressamos tendo por base uma metáfora conceitual, ou a) referimo-nos a um objeto cujas propriedades já são claramente conhecidas, de modo que possam nos servir para estruturar nosso conhecimento de outro, ou b) organizamos conceitos, conferindo-lhes uma ordenação espacial (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.17) , ou c) identificamos nossas experiências como entidades ou substâncias de modo que nos tornamos capazes de categorizar, agrupar e quantificar as mesmas, o que se faz necessário para lidarmos racionalmente com nossas experiências (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.26) – além dos casos de metonímia em que “usamos uma entidade para nos referirmos a outra que é a esta relacionada” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.26).

Dado que o texto literário que ora submetemos a exame apresenta fortes padrões metafóricos orientacionais, demoremo-nos um pouco mais nessa modalidade de metáfora. Metáforas orientacionais não apresentam simplesmente um conceito estruturado nos termos de outro, e sim todo um sistema de conceitos internamente organizado com base em uma único esquema posicional (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.14). Um exemplo de metáfora orientacional seria a metáfora ALEGRIA É PARA CIMA (*HAPPY IS UP*). De acordo com Lakoff e Johnson, essa metáfora pertenceria ao grupo das metáforas mais simples com as quais lidamos em nosso dia-a-dia. A maioria delas envolve um deslocamento do vocabulário que usamos para nos orientarmos espacialmente (como cima-baixo, dentro-fora, frente-trás, ligado-desligado, etc.)⁶.

A formulação sentencial ALEGRIA É PARA CIMA, é preciso dizer, é uma tentativa de construção teórica que tem o intuito expor o ponto de convergência cognitivo de toda uma rede internamente coerente de metáforas de nossa vida cotidiana. Algumas das metáforas que compõem essa rede, em língua inglesa, são “I’m feeling *up*”, “You’re in *high* spirits”, “Thinking about her always gives me a *lift*”, bem como seus opostos “I’m depressed” ou “I’m feeling down”. Em português, podemos encontrar uma rede de metáforas similar, composta por expressões como “Tudo em cima”, “Ele está no fundo do poço”. Esse tipo de metáfora, defendem os autores, simplesmente independe de quaisquer relações de semelhança para serem compostas ou compreendidas. Eles nos fornecem possíveis bases

⁶ É preciso notar que as metáforas orientacionais proporcionadas pela língua inglesa não são as mesmas que as metáforas orientacionais proporcionadas pelo português. Muitas das expressões idiomáticas inglesas formadas com as partículas “up” e “down”, por exemplo, não admitem boa tradução para português, i.e., não admite uma tradução para o português que mantenha o caráter de metáfora orientacional.

físicas, recorrendo a nossas experiências sensório-motoras, para a formação de metáforas orientacionais: a postura envergada ou cabisbaixa tipicamente se deixa acompanhar por tristeza e depressão, ao passo que a postura ereta denuncia, em geral, um estado emocional positivo (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.15). Metáforas orientacionais poderiam servir de base para a formação de metáforas mais complexas, essas sim apoiadas em experiências de similaridade, mas as próprias metáforas orientacionais não dependeriam de “similaridades experienciais”. O excerto abaixo mostra a posição dos autores:

Nossa posição central é de que metáforas conceituais são fundadas em *correlações* no interior de nossa experiência. Essas correlações experienciais podem ser de dois tipos: coocorrência experiencial e similaridade experiencial. Um exemplo: de coocorrência experiencial seria a metáfora MAIS É PARA CIMA. MAIS É PARA CIMA é fundada na coocorrência de dois tipos de experiências: adicionar mais de uma substância e ver o nível da substância crescer. Aqui não há nenhuma similaridade experiencial. (LAKOFF; JOHNSON, *Metaphors We Live By*, p.155).

Uma vez que metáforas como ALEGRIA É PARA CIMA, MAIS É PARA CIMA e outras tantas como elas resultariam da pura e simples coocorrência de experiências, é preciso assumir, de acordo com Lakoff e Johnson, que o que articula os fatores sentenciais em muitas metáforas é uma relação de correspondência e não de similaridade. E, mesmo para as metáforas que se apoiam em similaridades, eles arrematam: se há metáforas apoiadas em similaridade, essas similaridades são apoiadas em metáforas convencionais, que, por sua vez, emergem diretamente da experiência por coocorrência experiencial (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.153).

II.

Proponho que passemos agora a uma aplicação da teoria acima apresentada ao texto do *Grande Sertão: Veredas*. Mas por que empreender um estudo sobre o conteúdo cognitivo de metáforas literárias tendo como *corpus* a mais célebre obra de Guimarães Rosa, uma vez que a mesma é notoriamente conhecida por sua inventividade transbordante e seu hermetismo? Logo se pensa: talvez fosse tarefa mais simples e sensata tomar por objeto uma obra em que usos canônicos e não-canônicos da linguagem não se

emaranhassem tanto, quase ao ponto da amálgama. Mas devo fazer notar que, em meio a neologismos, estrangeirismos, pontuações idiossincráticas, corruptelas propositais e toda sorte de transgressões mirabolantes da gramática, Rosa logra, como cabe a um grande autor de um romance, conduzir o seu leitor pelo mundo da obra. Para tanto, é preciso saber usar sem abusar, fundir elementos sem confundir irremediavelmente a audiência. A bem da verdade, em meio a muitas “parlagens” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.453), aves que voam adeus (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.516) e balas que beija-floram (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.605) encontramos certos padrões metafóricos que surpreendem pela sua natureza elementar e por sua coerência sistemática. A obra, isso é notório, é recheada de metáforas de todos os gêneros, credos e etnias e é mesmo tentador ao metaforólogo flertar lascivamente com todas. Mas, no presente trabalho, quero atentar tão-somente para o que identifico como uma rede de metáforas que, assim penso, pode ser tomada como ramificação linguística de uma única metáfora conceitual, a qual foi devidamente exposta por Lakoff e Johnson em *Metaphors We Live By*. A metáfora conceitual é apresentada linguisticamente pelos autores na seguinte forma:

TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA; SER SUBMETIDO A CONTROLE OU FORÇA É PARA BAIXO⁷

Trata-se de um exemplo do que eles chamam de “metáfora orientacional”. Elas são, como vimos, um dos tipos mais elementares de metáfora do ponto de vista da Teoria da Metáfora Conceitual (ou Teoria Experiencialista), uma vez que, ao buscarmos suas bases físicas, logo chegamos à coocorrência de certas experiências sensório-motoras. Nas palavras de Lakoff e Johnson, as bases físicas da metáfora são as seguintes: “tamanho físico se correlaciona tipicamente com força física e o vencedor de uma luta fica tipicamente por cima” (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.15). Algumas das ramificações dessa metáfora conceitual apresentadas pelos autores são: “Eu tenho controle *sobre* ela”, “Eu estou *no topo* da situação”, “Seu poder *cresceu*”, “Ele é socialmente *inferior* a mim”, dentre outras.

A metáfora conceitual exposta acima, contudo, não aparece explicitamente no *Grande Sertão*. E nem era de se esperar que assim fosse, tendo em vista que, em geral, as

⁷ Grafo a metáfora conceitual em maiúsculas, diferenciando-a de suas ramificações e respeitando a notação determinada pelos autores na obra.

mesmas só assumem forma linguística a partir de um esforço teórico em que selecionamos instâncias, detectamos um padrão e vamos atrás do seu eixo central. Boa parte dos conceitos metafóricos exercem sua influência, de modo inconsciente, sobre nossa cognição e sobre nossas ações sem que nunca cheguem a ser expressos linguisticamente (LAKOFF ; JOHNSON, 2003, p.3). No *Grande Sertão*, o que encontramos são algumas de suas ramificações dispostas de modo a conferir ao seu protagonista, o jagunço Riobaldo, certos traços de caráter imprescindíveis para o desenvolvimento da trama. Rosa compromete-se com um certo padrão metafórico ao lançar mão dessas ramificações justamente em momentos em que se fazem reafirmar, para o leitor, as aspirações de grandeza da personagem que o levam a selar o pacto com o diabo – como bom irmão mineiro de Fausto e de Adrian Leverkühn.

Algumas das instâncias da metáfora conceitual que assumem forma linguística na obra são as seguintes:

me cri capaz de *altos* (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.160)

Cabeça *alta* – digo , (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.170)

Eu aceitava qualquer vuvú de guerra, e ia *em cima* (...) (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.171)

Eu era eu *mil vezes* (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.435)

Somente eu estava *por cima* da surpresa deles? (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.451)

(...) tudo nele foi *encurtando de medida* (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.452)

Como o homem *maior* valente no mundo todo, e na hora da *mais alta* de sua *maior* valentia! (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.571)

Em uma narrativa que tem como eixo central a transformação do narrador em líder, – Riobaldo passa da condição do atirador Tatarana à condição do chefe Urutú-Branco, mediante um encontro/desencontro (?) com o diabo na concruz dos caminhos – essas metáforas orientacionais, capazes de organizar conceitos a partir de um esquema de verticalização, vêm muito a propósito. A tese de que metáforas conceituais operam no cerne de nosso sistema conceitual, estruturando muitos de nossos conceitos fundamentais encontra, no texto de Guimarães Rosa, alimento. Seria possível ao autor evitar tais

metáforas posicionais, tais variações sobre o tema TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA, dado que sua história exige a exploração do conceito de liderança (ou chefia)?

O grande número de ocorrências de metáforas orientacionais desse tipo, no *Grande Sertão*, parece ter sua sistematicidade satisfatoriamente contemplada pela proposta experiencialista de que o conceito de liderança é um conceito parcialmente estruturado por metáforas. A marca hierarquizante do conceito parece mesmo exigir – tendo em vista os usos da linguagem mais corriqueiros em nossa cultura, mas certamente não apenas nela⁸ – uma ordenação conceitual dos indivíduos e grupos a partir de uma representação escalar disposta verticalmente. Nos termos de Lakoff e Johnson, conceitos como o de liderança teriam parte de suas bases experienciais fundadas na metáfora conceitual TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA, uma vez que essa metáfora posicionaria a liderança em um sistema metafórico coerente, de modo que parte de seu significado adviria de seu papel nesse sistema. (LAKOFF ; JOHNSON, 2003, p.18)

Assim, temos um exemplo, na obra de Guimarães Rosa, do que Elena Semino e Gerard Steen denominam “padrão metafórico” de um autor. Encontrar tal padrão, dizem eles, contribui consideravelmente para a complexa organização textual que confere a uma obra sua significação completa e seus efeitos sobre os leitores. (SEMINO ; STEEN, 2010, p.234).

Mas podemos seguir adiante, buscando aplicar outras teses expostas em *Metaphors We Live By*, sobre as metáforas de liderança do *Grande Sertão*. No capítulo 16 da obra de Lakoff e Johnson, a ideia de uma coerência externa entre metáforas é mais longamente trabalhada e nos é apresentada a tese de que experimentamos um conceito ou sistema de conceitos como coerente quando metáforas conceituais operam como premissas de inferências (ou implicações – *entailments*) cujas conclusões podem ser metafóricas ou não-metáfóricas. Eis um exemplo de implicação metafórica cuja conclusão é metafórica:

UMA DISCUSSÃO É UMA JORNADA

UMA JORNADA DEFINE UM CAMINHO

⁸ Pense em quantos povos antigos nos legam representações imagéticas de líderes e deuses em tamanho consideravelmente maior se comparados às representações imagéticas de indivíduos comuns.

Logo, UMA DISCUSSÃO DEFINE UM CAMINHO⁹

Segundo os autores, implicações metafóricas podem se conectar a outras, formando toda uma trama de coerência conceitual. A justaposição da conclusão de duas implicações metafóricas permitem-lhes explicar coerências externas entre duas ou mais metáforas conceituais – “É essa justaposição de implicações entre as duas metáforas que define a coerência entre elas” (LAKOFF ; JOHNSON, 2003, p.94).

Guardemos isso e voltemos ao *Grande Sertão*. Um dos momentos mais impressionantes da obra é aquele em que Riobaldo se investe de coragem e assume a liderança do bando, desbancando Zé Bebelô. No desfecho dessa ação, Riobaldo, já na condição de chefe da jagunçagem, resolve se isolar e sobe em “um itambé de pedra muito lisa” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.455). De lá, ele observa de cima os seus novos subordinados, os quais “nem careciam de ter nomes – por um querer meu, para viver e para morrer, era que valiam. Tinham me dado em mão o brinquedo do mundo” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.456). Quero pôr em relevo o modo como essa passagem se faz coerente com os excertos de metáfora acima mencionados. Examinemos uma expressão presente na última sentença da passagem, atentos a seu caráter metafórico: “brinquedo do mundo”. Trata-se de uma metáfora cujo verbo de cópula está implícito. A preposição “de” aqui não funciona atribuindo posse – o que se quer dizer não é que o brinquedo pertence ao mundo. A construção parece se aproximar formalmente de expressões como “O danado desse menino”. Deste modo, podemos rearrumar os elementos sem maiores problemas, visando encontrar uma metáfora na forma “S é P”, i.e., na forma com que Lakoff e Johnson nos apresentam suas metáforas conceituais. Temos então: “Mundo é brinquedo”, instância possível de MUNDO É OBJETO MANIPULÁVEL. Essa última é metáfora conceitual, com direito a um termo geral no lugar do sujeito e com direito a todo um séquito de instâncias atuando em nossa linguagem cotidiana: “Ele carrega o mundo nas costas”, “Ele quer

⁹ Não discutirei aqui imperfeições da inferência sob o ponto de vista da lógica aristotélica – a escolha arbitrária da forma dedutiva como representante da inferência, a ausência do verbo de cópula na premissa menor e o uso da precária quarta figura silogística, a qual não chega a ser sistematizada por Aristóteles, p.ex. – mas fique registrado o meu estranhamento no que diz respeito à negligência dos autores quanto ao desenvolvimento de sua concepção de inferência. É preciso dizer que, à primeira vista, a obra de Lakoff e Johnson pode parecer um tanto displicente em seu afã de apresentar logo suas teses originais, descuidando-se, por exemplo, de fornecer explicações sobre o que os autores entendem por “sistema conceitual”. Neste, como em muitos outros aspectos, o livro parece ter sido escrito de trás para frente: as melhores definições e elucidações conceituais são dadas do meio para o final da obra.

consertar o mundo”, “Ele tem o mundo nas mãos”, “Vamos construir um mundo melhor”. E como não deixar vir à mente a célebre cena de O Grande Ditador em que Chaplin brinca com o globo terrestre? Metáforas que têm como sujeito¹⁰ o mundo se mostram, em geral, metáforas de cunho escalar, ou seja, jogam com as dimensões de nossa imagem moderna do mundo como uma esfera (ou quase esfera). Mas o contexto em que Guimarães Rosa nos insere é um contexto em que a ideia da liderança de Riobaldo já foi reafirmada com a escalada da rocha e com a mirada superior sobre os demais jagunços. E são os jagunços mesmos o seu objeto de observação no momento da consideração de cunho metafórico. Os jagunços, no pano de fundo do Sertão, respondem pelo mundo (num movimento metonímico ou de sinédoque) e são eles o que se categoriza como brinquedo de Riobaldo. Esse último, nessa perspectiva superior, enxerga aqueles pequenos e manipuláveis, o que faz jus à condição metafórica dos mesmos – já apresentada – de inferioridade hierárquica. Assim, o mundo se mostra um brinquedo, na medida em que é um pequeno objeto cuja manipulação diverte – não são assim compostas as imagens prototípicas, as *Gestalten*, de brinquedo que compartilhamos nessa cultura? (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.71.) –, e, sendo pequeno esse objeto, seu usuário padrão deve ser maior do que ele. Eis que voltamos ao terreno das metáforas orientacionais. A nossa compreensão sobre como o brinquedo está para a criança, em termos de diferença de tamanho, se organiza a partir de um conceito orientacional cima-baixo que é o mesmo articulado em TER CONTROLE OU FORÇA É PARA CIMA. A criança, aquele que está acima do brinquedo, controla o brinquedo, assim como Riobaldo, aquele que está acima do mundo, controla o mundo.

Vemos que Guimarães Rosa segue um certo padrão metafórico em sua composição da transformação de Riobaldo em Urutú-Branco não apenas no emprego de metáforas orientacionais, mas também no emprego de metáforas estruturais – como é o caso de “mundo é brinquedo” – cuja inserção bem sucedida no corpo da obra é garantida por sua coerência com uma rede de metáforas orientacionais.

É interessante notar que o conceito de coerência metafórica é central na obra de Lakoff e Johnson e que o mesmo não se passa com o conceito de verdade metafórica. Quando os autores abordam esse último (LAKOFF; JOHNSON, 2003, pp.159-184), o fazem justamente para afirmar essa compreensão de que a concepção tradicional, objetivista, de

¹⁰ Ou domínio-alvo, na terminologia assumida por Lakoff mais recentemente.

verdade é um empecilho para o estudo adequado da metáfora e da cognição humana. A importância conferida ao conceito de coerência me parece valiosa para um estudo da metáfora no texto literário, na medida em que nos permite aplicar sobre os campos da estilística e da teoria literária categorias próprias do campo da retórica em sua versão encorpada, i.e., como campo do saber capaz de estudar o discurso por uma perspectiva não restrita à *elocutio*, abrangendo também – e sobretudo – a persuasão via apresentação de sistemas coerentes.

Mas veremos adiante, contudo, que essa compatibilização não é assim tão pacífica e que a Teoria da Metáfora Conceitual, muito por conta de seus pressupostos semânticos obscuros e pela concepção de linguagem em que se apoia, mostra-se insuficiente para um estudo da obra literária como um todo.

III.

Na última década do século passado, George Lakoff se uniu a diversos colaboradores para empreender o que entendia como um desenvolvimento natural de sua abordagem da metáfora a partir da linguística cognitiva. O resultado desse movimento recebe hoje o nome de “Teoria Neural da Metáfora” e é visto como um ramo da “Teoria Neural da Linguagem” (NTL). A cooperação entre Lakoff e Jerome Feldman, à época diretor do Instituto Internacional de Ciência Computacional – Berkeley –, posicionou o estudo da metáfora conceitual em novas bases. Penso ser interessante apresentar aqui alguns dos acréscimos e releituras feitas sobre a concepção de metáfora conceitual a partir desse período, na medida em que eles dizem respeito ao nosso objeto de estudo no presente trabalho.

Uma guinada considerável nessa releitura da metáfora conceitual foi a adesão de Lakoff e seu grupo à tese de que, ao menos no tocante a conceitos físicos, significado é simulação mental (LAKOFF, 2010, p.19). Trata-se de uma abordagem corporificada (*embodied*) do significado em que se assume que um proferimento acerca de algo percebido é compreendido a partir da ativação (recriação mental) de experiências perceptuais e motoras que caracterizam os conteúdos desse proferimento. Em linhas gerais, essa concepção de semântica parte do que se toma como “evidências consideráveis de que a

linguagem perceptiva ativa áreas cerebrais motoras ou perceptuais correspondentes” (LAKOFF, 2010, p.19).

Eis algumas das evidências em que os teóricos têm se fiado para aderir a essa concepção: o trabalho com certos aparatos de ressonância magnética capazes de converter os dados em imagens e técnicas computacionais de modelagem neural mostram que nosso córtex motor e pré-motor associado com partes específicas do corpo é ativado em resposta ao estímulo de uma linguagem motora que se refira a essas partes. Escutar sentenças que descrevam cenas fictícias e concentrem-se em aspectos visuais de certos objetos e na determinação precisa da posição dos mesmos em um campo visual imaginário pode resultar em interferência seletiva no processamento visual real¹¹. Notou-se, nessas bases, uma interferência entre compreender uma linguagem de ação e o desempenho efetivo dessa ação, o que sugere que processando linguagem, nós ativamos imagens motoras¹². Assim, os processos de compreensão de linguagem perceptivo-motora se mostram, de certo modo, processos de simulação e ativam as mesmas regiões do cérebro que a própria execução das ações descritas. Compreender uma linguagem (ao menos uma linguagem cujas relações de referência envolva objetos concretos) seria qualitativamente similar a experimentar os cenários que essa linguagem descreve.

Essas foram algumas das primeiras bases da Teoria da Simulação Semântica, bem como da Teoria Neural da Linguagem. Mas como se poderia entender a metáfora conceitual a partir da teoria da simulação semântica? Trabalha-se com as categorias semânticas de domínio-fonte e domínio-alvo, que agora se mostram correlatas de certas circuitarias cerebrais formadas por grupos neuronais modelados como nós (*nodes*), e assume-se “que quando dois grupos neuronais, A e B, disparam ao mesmo tempo, a ativação se espalha para fora, ao longo das ligações de rede, conectando-os, o que nós experimentamos como uma corrente de pensamento” (LAKOFF, 2010, p.19). Certos nós, chamados “nós significativos” (*meaningful nodes*), quando ativados, resultam na ativação de toda uma

¹¹ Esses experimentos têm por base certos experimentos precursores desenvolvidos nos idos de 1930 que divulgaram o que se chamou de “Stroop interference effect”: pede-se a pessoas que, diante de nomes de cores – os quais são, eles próprios, coloridos – ignorem o significado dos nomes e digam a cor que veem. Quando o nome coincide com a cor, os voluntários, em geral, respondem prontamente, mas quando não há coincidência, a resposta é precedida de uma hesitação significativa.

¹² “When we imagine seeing a scene, our visual cortex is active. When we imagine moving our bodies, the pre-motor cortex and motor cortex are active. In short, some of the same parts of our brains are active in imagining as in perceiving and doing.” (LAKOFF ; JOHNSON, 2003, p.257)

simulação neural e, quando inibidos, resultam na inibição da mesma. E uma inferência ocorre quando a ativação de um nó significativo que opera como um antecedente resulta na ativação de outro nó significativo que opera como um consequente.¹³

Isso posto, pode-se dizer que metáforas são tomadas pela Teoria Neural da Metáfora como mapeamentos (extensões) neurais. "Metáfora é um fenômeno neural" (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p.256). A ideia básica desenvolvida em *Metaphors We Live By* – de que, na metáfora, uma experiência mais complexa e psicológica (LAKOFF; JOHNSON, pp.57-58) pode ser compreendida nos termos de uma experiência mais simples e física – é posta da seguinte maneira: os resultados de inferências em um domínio-fonte (localizado em uma região cerebral a que se atribuem tipicamente funções sensório-motoras) são mapeadas sobre um domínio-alvo, interagindo com a lógica desse domínio e produzindo inferências metafóricas (LAKOFF, 2010, p.26). De acordo com o princípio hebbiano de que neurônios que disparam juntos se mantêm juntos (*Neurons that fire together wire together*), os circuitos neurais mapeadores que ligam os dois domínios serão **aprendidos** e esses circuitos constituem a metáfora (LAKOFF, 2010, p.26).

Essa teoria tem, entre seus entusiastas, não apenas os adeptos do reducionismo, mas aqueles que veem na plasticidade do cérebro uma tendência teleológica de otimização. É o caso de neurobiólogos como Lanham, com sua ideia de que "a metáfora permite a transformação da caótica experiência sensorial em categorias cognitivamente operacionais, poupando-nos tempo e espaço no córtex cerebral" (LANHAM, 1991 apud HERRICK, 2004, p.150).

No que tange às metáforas literárias que consideramos, essa guinada para a neurolinguística vai explorar de modo muito mais aprofundado o que em *Metaphors We Live By* aparece somente como sugestão. Ao fim do capítulo sobre metáforas orientacionais, os autores admitem: "Nós não sabemos muito sobre as bases experienciais das metáforas", e assumem que as determinações sobre as bases físicas de que as metáforas estudadas, por hipótese, emergiam, não passavam de "observações especulativas" (LAKOFF, JOHNSON, 2003, p.19). No Posfácio que escreveram para a reedição da obra em 2003, os autores abandonam a divisão de metáforas em três tipos: orientacional, estrutural e ontológico

¹³ Não se deve acalantar a visão ingênua de que certos grupos neurais sejam exclusivamente responsáveis pela representação de conceitos. É mais condizente com a teoria afirmar que diferentes áreas do cérebro precisam cooperar para que diferentes dados perceptuais sejam considerados uma mesma entidade. Essa cooperação é chamada de "vinculação neural" – *neural binding*.

(LAKOFF, JOHNSON, 2003, p.264), para adotar uma tese que tem grandes contribuições de Joe Grady e Christopher Johnson, a tese das metáforas primárias. Metáforas primárias seriam aquelas que se formam por uma fusão (*conflation*) temporária de dois domínios conceituais durante certos períodos da formação de um indivíduo. Por exemplo, o estágio da formação cognitiva infantil em que "ver" e "saber" ocorrem conjuntamente e de modo indissociado – como em "Vejo o papai vindo" (LAKOFF, JOHNSON, 2003, p.255). Essas metáforas ligariam nossas experiências sensório-motoras aos domínios dos nossos julgamentos subjetivos. Muitas delas cruzariam os limites das culturas porque as pessoas têm os mesmos corpos e vivem em ambientes muito similares no que há de mais relevante. Toda sorte de metáforas novas e complexas emergiriam de metáforas primárias – incluem-se aí metáforas poéticas e literárias em geral.

Mostra-se mais condizente com a Teoria Neural da Metáfora, ao aplicarmos essas revisões ao nosso estudo das metáforas conceituais em Guimarães Rosa, assumirmos que o que tomamos como metáforas orientacionais, marcadas pela coocorrência, são, na verdade, metáforas primárias, marcadas pela coativação de um domínio-fonte tipicamente sensório-motor e de um domínio-alvo. E a fundação da metáfora complexa "Mundo é brinquedo" em conceitos posicionais como cima-baixo ganha outro tratamento quando examinada à luz da formação cognitiva infantil. Pode-se pretender explorar, nessas bases, o sucesso comunicacional da metáfora e sua hipotética universalidade.

IV.

Se procurei evidenciar as contribuições que o trabalho de Lakoff e Johnson pode fazer para as teorias da narrativa e do romance, passo agora a considerar algumas das dificuldades que um pesquisador pode encontrar ao trabalhar nessas bases. Começamos pelos problemas próprios do primeiro momento da Teoria da Metáfora Conceitual, i.e., o Experiencialismo desenvolvido em *Metaphors We Live By*. O grande problema de boa parte das teses apresentadas na obra, do modo como compreendo, é seu ancoramento na obscura convicção de que podemos, sem maiores problemas, determinar os limites do que conta como experiência em uma determinada comunidade linguística. Os autores conferem um ar de evidência ao conceito de experiência que não podemos deixar passar

despercebido. Entram em confronto com essa postura certos apontamentos feitos por Nelson Goodman, em *Languages of Art*. Goodman faz as seguintes considerações sobre a dificuldade de determinarmos as bases empíricas das metáforas:

Por que “triste” se aplica a certas pinturas e “alegre” a outras? (...) Em outros casos, nós temos apenas lendas fantasiosas e alternativas. Números se tornaram maiores e menores porque pilhas crescem para cima conforme mais pedras são adicionadas (em detrimento do fato de que buracos crescem para baixo, conforme mais pazadas são retiradas)? (GOODMAN, 1976, p.76)

Esse texto de Goodman, apesar de escrito antes da publicação de *Metaphors We Live By*, pode nos servir como advertência frente ao ímpeto de Lakoff e Johnson de estabelecerem bases experienciais rígidas que determinem as possibilidades de constituição de metáforas.

Mas, de um modo mais sistemático, perguntemo-nos: O projeto de determinação de um rol limitado de bases físicas, fundadoras de domínios-fonte primários, é suficiente para explicar o estatuto de certas inovações semânticas próprias de textos literários? Penso que não, pelas seguintes razões:

- a) Nem todos os termos que compõem metáforas linguísticas têm como correspondente uma *Gestalt* multidimensional ou um esquema imagético (*image-schema*) determinado. E isso pode ocorrer mesmo com aqueles termos que ocupam a posição do domínio-fonte. Como exemplo, cito os seguintes versos de um poema de Wallace Stevens, *The Wind Shifts*: "Assim se move o vento: / Como os pensamentos de um velho humano" (STEVENS, 2005, p.45). Neste caso, é um domínio-fonte abstrato que é projetado sobre um domínio-alvo físico.
- b) Ao defenderem, em *Metaphors We Live By*, a tese de que metáforas se formam a partir de protótipos (como a manipulação direta) e de nossa compreensão dos mesmos na forma de *Gestalten* multidimensionais naturalmente emergentes, os autores comprometem as metáforas (entrincheiradas ou novas) somente com os traços salientes, bem conhecidos e distintivos dos objetos considerados. Procedendo assim, o Experiencialismo de Lakoff e Johnson se mostra altamente determinista, não abrindo

espaço para que se pense a formação de significado para além do que se assume como experiências padrão. Os autores não abrem espaço, por exemplo, para que se trabalhe com uma concepção de compreensão que admita a interferência de **conflitos** e **barganhas** linguísticas sobre o que se mostra empiricamente **relevante** (LAKOFF ; JOHNSON, 2003, p.83.) em termos de cognição. Mas com base em que assoberbada posição de neutralidade científica podemos definir os limites entre o relevante e o irrelevante para toda uma cultura, ignorando solenemente os choques de convicções que se deixam evidenciar nas barganhas entre diferentes idioletos?

Essa última crítica, em particular, encontra ecos entre os próprios adeptos da Teoria da Metáfora Conceitual ou Teoria da Metáfora Cognitiva¹⁴. Elena Semino e Gerard Steen, em "Metaphor and Literature", chamam nossa atenção para o seguinte:

Enquanto a teoria da metáfora cognitiva relaciona, em particular, padrões metafóricos convencionais em uma linguagem com modelos culturais e cognitivos compartilhados, muitos estudos sobre a metáfora na literatura relacionam padrões metafóricos distintivos e idiossincráticos nas obras de um autor, em um texto singular, ou em partes de um texto com os hábitos cognitivos, preocupações, metas e visão de mundo de um indivíduo particular (SEMINO ; STEEN, 2010, p.244)

Essa passagem desfecha um exame da tese desenvolvida por Lakoff e Turner, em *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. Nessa obra, os autores identificam quatro modos fundamentais de criatividade poética em poesia: extensão, elaboração, questionamento ou combinação de metáforas conceituais (LAKOFF; TURNER, 1989, pp.67-72). Em todos os casos, metáforas novas se mostram derivações do que depois se veio chamar de "metáforas conceituais primárias". O veredito final de Semino e Steen sobre essa posição é de que a redução da criatividade metafórica a essas quatro formas "não faz justiça à variedade e complexidade do fenômeno metafórico que pode ser encontrada no discurso, tanto literário quanto não-literário." (SEMINO; STEEN, 2010, p.244). Se, por um lado, se assume que essa teoria pode oferecer contribuições muito relevantes para o estudo da metáfora nova ou de invenção (muito recorrente em literatura), por outro somos advertidos

¹⁴ Nomes correntemente usados para unificar as posições iniciais de Lakoff, Johnson e seu grupo com as posições mais recentes.

de que algumas das passagens mais contundentes da literatura universal resistem bravamente a um exame de natureza reducionista.

Como exemplos de contribuições relevantes, algumas boas aplicações dessa teoria são mencionadas, como é o caso do trabalho que Donald Freeman sobre o *Macbeth*. Freeman mostra que a peça é repleta de expressões metafóricas arquitetadas a partir dos mesmos domínios-fonte, a saber, CAMINHO e RECIPIENTES. Ele defende que tais expressões metafóricas são centrais para o modo como o personagem principal e o enredo como um todo são construídos pelo escritor e compreendidos pelos leitores/audiência. Outro exemplo é o do trabalho que Semino e Swindlehurst desenvolveram sobre *One Flew Over the Cuckoo's Nest*, de Kesey, onde se discute o quanto o estilo mental idiossincrático do protagonista (e narrador em primeira pessoa) é refletido no uso consistente e criativo de metáforas conceituais convencionais extraídas do domínio-fonte do MAQUINÁRIO (SEMINO ; STEEN, 2010, p.240). Outros trabalhos interessantes nesta linha são os de C. Hamilton sobre o uso da personificação na obra de W.H. Auden e de Sobolev sobre o uso de metáforas para conectar instâncias materiais e transcendentais na obra de Gerald Manley Hopkin.

Como exemplo de insuficiência da teoria – por tender a “subestimar a importância de metáforas totalmente novas, as quais não podem ser facilmente abordadas nos termos padrões convencionais e metáforas conceituais” (SEMINO; STEEN, 2010, pp.236-237) – menciona-se a terceira estrofe do poema “Morning Song”, de Sylvia Plath:

Eu não sou mais sua mãe
Do que a nuvem que destila um espelho para
Refletir seu próprio lento
desaparecimento nas mãos do vento.

Nessa metáfora estendida, a qual é empregada para apresentar a maternidade "nos termos da relação entre uma nuvem, a chuva e o vento", a inovação semântica se espalha para além dos "recursos metafóricos da linguagem e do pensamento cotidianos" (SEMINO; STEEN, 2010, pp.236-237).

Jorge Luís Borges também aponta nessa direção na segunda das seis Norton Lectures apresentadas na Universidade Harvard no período letivo 1967-1968. O literato

argentino, nessa sua conferência, elege como tema a metáfora e empreende uma aproximação entre autores e obras a partir do uso de padrões metafóricos similares, num esforço digno de um adepto da Teoria da Metáfora Conceitual. Metáforas como “Olhos são estrelas” e “Mulheres são flores” são postas em evidência justamente por sua resistência às variações de contexto, por seu insinuante transculturalismo. Mas é, sobretudo, o duplo desfecho dado por Borges ao estudo que se faz mais digno de consideração:

Assim, chegamos às duas principais e óbvias conclusões dessa conferência. A primeira é, certamente, que ainda que existam centenas e mesmo milhares de metáforas por descobrir, todas poderiam remeter-se a uns poucos modelos elementares. Mas não há por que nos inquietarmos com isto, pois cada metáfora é diferente: cada vez que usamos o modelo, as variações são diferentes. E a segunda conclusão é que existem metáforas – por exemplo, “rede de homens” ou “caminho da baleia” – que não podemos remeter a modelos definidos. (BORGES, 2001, p.59)

Afinal, podemos ou não podemos estudar as mais inventivas metáforas poéticas a partir de modelos elementares? Vimos que a Teoria da Metáfora Conceitual pode ser muito valiosa para a detecção e o estudo de padrões metafóricos como o que delineei no *Grande Sertão: Veredas*. Mas podemos perfeitamente adentrar a obra buscando instâncias do engenho e da arte de Guimarães Rosa que desafiem essa assunção de que metáforas poéticas derivam somente do que se assume como experiência típica ou paradigmática de uma cultura. O que dizer da seguinte metáfora com a qual Riobaldo procura expressar seus sentimentos por Diadorim: “Amor é assim – o rato que sai dum buraquinho: é um ratazão, é um tigre leão” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.443)? Metáfora estendida, com um requinte diacrônico (primeiro, o pequeno rato, mas, logo, o grande rato, e, por fim, o tigre leão) impossível de capturar em uma sentença do tipo “S é P” (forma típica das metáforas conceituais). E ainda, no outro extremo, o que dizer da frase que sintetiza magistralmente o auge e a doença diabólica do líder Riobaldo Urutú-Branco, proferida em meio à batalha final: “Você é o Sertão?” (GUIMARÃES ROSA, 2001, p.607)? Notemos que, dado o contexto – em que o referente do pronome é um homem específico, um cego do bando de Riobaldo –, o proferimento poderia ser posto assim: “Borromeu é o Sertão”. E temos, então, uma metáfora com dois nomes próprios. Seria acertado dizer: um nome de pessoa e um nome de lugar? A metáfora conceitual aí seria PESSOA É LUGAR? Mas, se for esse o caso, quais seriam as bases experienciais e que justaposição de *Gestalten* (e que seleção de traços

salientes, bem conhecidos e distintivos dos objetos considerados) poderia haver? Como falar de domínio-fonte de um espaço ficcional e de domínio-alvo de um indivíduo humano singular?

Conclusão

Não restam dúvidas acerca da importância das contribuições feitas por Lakoff e Johnson ao longo das últimas décadas para a dignificação da metáfora como tema de pesquisa. Como é recorrente no estabelecimento de novos paradigmas, as teorias desenvolvidas por eles e por seus colaboradores convidam a aplicações nas mais diversas áreas, dentre elas a teoria literária. Em *Metaphors We Live By*, a metáfora aparece como um processo cognitivo indispensável para a formação de sistemas conceituais. Mostra-se que a coerência que as metáforas conceituais estabelecem entre redes metafóricas é um dispositivo imprescindível para que nossa mente possa organizar sistemas de compreensão do vivido. Penso que esse tratamento conferido à coerência metafórica abriu uma nova porta para a exploração dos efeitos da literatura sobre nós. Perguntamo-nos desde sempre: Como um escritor logra a composição bem sucedida de uma personagem? O que é para o leitor **compreender** uma personagem, seu papel na trama, suas potências, projetando sobre a mesma aspirações e expectativas? Parece-me, e procurei mostrar isso aqui, que a descoberta das redes metafóricas nos permitem trabalhar tais questões à luz de uma íntima relação entre formação de sistemas coerentes e condução do leitor. Grandes obras da literatura universal, como o *Grande Sertão: Veredas*, ao que esse estudo indica, devem aos padrões metafóricos que apresentam muito mais do que se pensava algumas décadas atrás.

Mas, se procurei apresentar algumas das maiores virtudes da Teoria da Metáfora Conceitual – e não posso deixar de mencionar mais uma vez a ênfase dada por Lakoff e Johnson ao papel do destaque e do ocultamento de aspectos na constituição de metáforas –, não me absteve de apresentar também alguns dos maiores vícios da mesma. Procurei mostrar, com base na exposição de contraexemplos contundentes – alguns deles extraídos do *Grande Sertão* –, que é deveras obscura a convicção de que podemos, sem maiores problemas, determinar os limites do que conta como experiência padrão em uma determinada comunidade linguística. Propor um estudo exaustivo de metáforas primárias

cujas bases físicas são pretensamente universais é atitude temerária e isso se reflete no modo como as pesquisas sobre as metáforas conceituais rumaram para afirmações muito polêmicas no que diz respeito às nossas capacidades de composição e compreensão de metáforas novas. Afirma-se que metáforas de invenção podem ser inteiramente derivadas de certas metáforas primárias. Vimos também que a Teoria Neural da Metáfora deslocou a discussão de tal maneira que certas conquistas de *Metaphors We Live By* são ofuscadas. É o que ocorre, por exemplo, com os estudos sobre a seleção de aspectos em jogo nas metáforas e sobre o papel da compreensão dos propósitos do emissor na orientação da coerência metafórica. Vejo isso como um retrocesso com relação à primeira fase da teoria e assumo que o vocabulário neural próprio da nova teoria não substitui e não pode substituir o vocabulário semântico – algumas das questões mais fundamentais de um campo simplesmente não encontram tradução adequada no outro.

À pergunta “poderia um estudo da metáfora literária a partir da Teoria das Metáforas Conceituais dar conta de padrões metafóricos idiossincráticos?” respondo que não se pode estudar satisfatoriamente a metáfora sem uma concepção de semântica que confira a devida atenção à barganha de significados e que aborde o conceito de experiência a partir das evidências linguísticas dessas barganhas. Autor e leitor também barganham significado e isso não pode ser perdido de vista. Mas essa é uma tese que tenho defendido em outros trabalhos. No que diz respeito ao trabalho que agora se encerra, interessa-me deixar ecoando, a título de provocação, essas considerações a um só tempo entusiasmadas e reticentes acerca da aplicabilidade das concepções de Lakoff e Johnson ao campo da teoria literária.

Referências bibliográficas

BLACK, M. *Modelos y Metáforas*. Trad. Victor Sanchez de Zavala. Madrid: Estructura y Funcion, 1966.

_____. “Metaphor”. In: JOHNSON, M. (Org.) *Philosophical Perspectives on Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011, pp. 63-82.

BERGEN, B. "Experimental Methods for Simulation Semantics". In: Gonzalez-Marquez, M., Mittleberg, I., Coulson, S., ; Spivey, M. (Eds.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 277-301, 2007.

BORGES, J.L. *Arte Poética*. Trad. Justo Navarro. Barcelona: Editorial Crítica, pp. 37-59, 2001.

GOODMAN, N. *Languages of Art: An approach to a Theory of Symbols*. Indianapolis: Hackett, 1976.

GUIMARÃES ROSA, J. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HAMILTON, C. Mapping the mind and the body: On W.H. Auden's personifications. *Style*, 36, 408-427, 1996.

HERRICK, J.A. *The history and theory of rhetoric: an introduction*. Boston: Allyn and Bacon, 2005.

JOHNSON, M (Ed.). *Philosophical Perspectives on Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1981.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, G. "The Neuronal Theory of Metaphor". In: GIBBS, Jr. R.W. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge : Cambridge University Press, pp. 17-38, 2010.

LAKOFF, G; TURNER, M. *More than cool reason: A field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LOCKE. *An Essay Concerning Human Understanding*. Chicago: Encyclopædia Britannica (William Benton Publisher), 1952. (Great Books of the Western World, v. 35)

ROSCH, E.H. "Natural Categories". In: *Cognitive Psychology*, n.4, pp.328-350, 1973.

SEMINO, E; STEEN, G. "Metaphor in Literature". In: GIBBS, Jr. R.W. (Ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge : Cambridge University Press, pp. 232-246, 2010.

STEVENS, W. *Antologia*. Trad. Maria Andresen de Sousa. Lisboa: Relógio d'água, 2005.

SOBOLEV, D. Hopkin's rhetoric: Between the material and the transcendent. *Language and Literature*, 2, 157-182, 2003.

VEREZA, S. "Trajetória da Metáfora: retórica, pensamento é discurso". In: *Sob a Ótica da Metáfora: Tempo, Conhecimento e Guerra*. Solange Vereza (org.). Niterói: Editora da UFF, pp. 25-63, 2012.

ⁱ Diogo GURGEL, Prof. Dr.
Universidade Federal Fluminense
diogo.gurgel@gmail.com

Recebido em 02/12/2014
Aprovado em 20/12/2014